

DINIS MACHADO

Jornal de Notícias, 9/10/2005

TRABALHAR NAS MARGENS



Continuo nestas crónicas a puxar pela lembrança de algumas amizades que tenho e que me são gratas. São amigos que já morreram quase todos e aqui os assinalei. E aqui trabalho contra o seu esquecimento.

Mais um amigo para acrescentar à lista e que felizmente está vivo: chama-se José Xavier Ezequiel e desenvolve uma faina particular para salvar o que às vezes é menos salvável. É uma personagem urbana, com suficiente escola da vida, e dedica-se a navegar em águas pouco reconhecidas. Esse trabalho

urbano, algo esquizofrénico, é muito dedicado a enaltecer o que é pouco visível. Também se pode demorar em Boris Vian ou Miles Davis(*), mas essas personagens famosas não são o âmago do seu trabalho. Tem escrito em revistas de ocasião, de um modo geral com pouco tempo de vida, e faz textos diferenciados e bastante soltos. Pode ser sobre o absinto, néctar para alguns apreciadores, ou sobre a prosa de Mário-Henrique Leiria. É cúmplice de universos iniciáticos e posso dizer que pratica a sua *black mask* pessoal para chamar a nossa atenção.

Considerarei esta tarefa esquizofrénica porque tem uma componente vasculhadora em zonas algo ignoradas. Sente-se compensado por dar relevo ao que está um pouco escondido.

Nas muitas conversas que tive com ele ao longo dos anos apercebi-me de uma catalogação do que é menos catalogável. Manobra nesse urbanismo respirado à flor do chão. Apaixonado pelo romance negro americano, mundo cheio de altos e baixos, com grandes figuras e figuras menores, frequenta uma realidade portuguesa que é um pouco mimética disso.

É um excelente observador do *bas fond*, o que o torna eclético, como se fosse um académico sem academia. Tem um conhecimento bastante vasto sobre coisas consideradas secundárias. Faz história onde a história tem pouco lugar.

A sua dispersão de textos brilhantes possui uma grande acuidade analítica. Preenche buracos vazios tanto da cultura como da contracultura. Aqui saúdo o seu excelente trabalho nas margens da criação.

(*) No original Charlie Parker, mas trata-se de uma confusão do autor.